

ESG E COOPERATIVISMO

***Roberto Rodrigues**

O movimento cooperativista brasileiro tem ganho espaços crescentes na economia nacional, especialmente nos setores agropecuários e de crédito. É fato conhecido que as cooperativas em geral costumam crescer durante períodos de crise, e a pandemia do coronavírus mostrou esta realidade mais uma vez, com o crescimento também acalentado das cooperativas de saúde. Esse crescimento, por sua vez, exige das empresas do segmento cooperativo maiores investimentos em gestão e melhor enquadramento nas mais modernas demandas globais, como as de caráter ambiental. E estão atentas a isso.

Recentemente a Coplana - Cooperativa Agroindustrial e a Sicoob/Coopecredi - Cooperativa de crédito, ambas de produtores rurais da região de Guariba/SP, tomaram simultaneamente uma notável e exemplar decisão: firmaram com o Ministério do Meio Ambiente protocolos de intenção de participar do Programa “Adote um Parque” instituído pelo Decreto 10.623 de 9 de fevereiro de 2021 com a “finalidade de promover a conservação, recuperação e melhoria das Unidades de Conservação Federais”.

A Coopecredi foi a primeira cooperativa que firmou o protocolo para adoção de Uma Unidade de Conservação, a ESEX de São João da Ponta, no Pará, com 3408 hectares, com doação no montante de R\$ 170.400,00 por um prazo de 12 meses.

E a Coplana foi a primeira cooperativa de produção a apresentar proposta de adoção de uma Unidade de Conservação, a ARIE, no Seringal Nova Esperança, no Acre, com 2.574 ha, com a doação no valor de R\$ 128.700,00 pelo período de 12 meses.

As duas propostas estão em fase de análise nos termos do Edital de Chamamento Público número 04/2021.

Essa atitude das cooperativas dos canavieiros da região de Guariba chama a atenção para um tema cuja relevância vem crescendo muito em todo o mundo empresarial privado e também no setor público: trata-se do celebrado ESG, sigla em inglês que significa “meio ambiente, social e governança”. Em outras palavras, todas as instituições que tiverem em seus objetivos e em seu comportamento a preocupação com a defesa dos recursos naturais, com o bem-estar das pessoas do seu entorno e uma governança séria e comprometida com os valores da justiça, da ética e da moral, terão o reconhecimento da sociedade organizada e receberão tratamento diferenciado, inclusive quanto a comercialização de seus produtos.

Ora, esta temática toda está no DNA da doutrina cooperativa. Com relação ao S, por exemplo, o sétimo princípio é explícito, o da “preocupação com a comunidade onde a cooperativa estiver inserida”, para além da sua obrigação institucional que é clara no próprio conceito: “cooperativismo é a doutrina que visa corrigir o social através do econômico”. Mais óbvio, impossível.

Quanto ao G de governança, o Sistema OCB tem se empenhado para que todas as cooperativas se organizem em programas de governança e gestão altamente qualificados, através de treinamento e capacitação de lideranças e

administradores das empresas. Tudo isso provem do programa de auto-gestão que decolou a partir da Constituição de 1988, e que “liberou” o cooperativismo das absurdas questões legais cerceadoras de sua própria institucionalização. Antes de 1988, era preciso pedir uma “AF- Autorização de Funcionamento” ao Governo Federal para montar uma cooperativa. O fim dessa exigência trouxe a liberdade ao movimento, e com ela, a responsabilidade das entidades de representação - como a OCB nacional e as estaduais - pela observância por parte das cooperativas dos princípios e valores doutrinários e dos dispositivos legais do país. E a OCB tem feito concursos e premiações anuais as cooperativas que mais se destacaram nesses quesitos.

Para se ter uma pequena ideia de como o tema governança se tornou uma obsessão para o sistema, basta dizer que no ano passado, através do SESCOOP, o S do cooperativismo, cerca de 8 milhões de pessoas foram capacitados em mais de 500 mil eventos virtuais em todo o país. Enfim, no G do ESG as cooperativas estão muito bem no Brasil.

E o E de “environment” ou meio ambiente? Esta iniciativa exemplar das cooperativas de Guariba pode e deve ser seguida pelo movimento cooperativista que, na verdade, já faz da preservação dos recursos naturais um ato de Fé há décadas. Todas as tecnologias recomendadas pelas cooperativas agropecuárias, por exemplo, são calcadas em “boas práticas agrícolas”, lastro fundamental da sustentabilidade. Respeitam as determinações do nosso rigoroso Código Florestal, preservam e conservam os solos e os recursos hídricos e promovem eventos agroecológicos sistematicamente.

Está, portanto, muito claro que a temática do ESG é naturalmente integrante da doutrina cooperativista, praticamente implícita em seus princípios e valores.

*** Roberto Rodrigues - Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos toda 3ª segunda-feira do mês**